
Beatriz Sarlo. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Iluminuras, 2008.

O ensaio, gênero que entre nós brasileiros ainda não atingiu o apogeu, é muito visível e vibrante nas letras dos nossos irmãos hispano-americanos, que contam com vários escritores de mãos habilidosas que conseguem atingir a tão almejada característica de aliar prosa poética a reflexões sobre o mais essencial do tema nela tratado. O surgimento de novas obras de ensaios em português, seja de textos autóctones seja de textos traduzidos, merece sempre ser destacado e celebrado. Abordarei, aqui, alguns aspectos de mais um livro de ensaios que nos chega via tradução: *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*, de Beatriz Sarlo e tradução de Samuel Titan Jr.

O livro de ensaios *Borges, un escritor en las orillas*, da argentina Beatriz Sarlo, foi publicado originalmente em inglês sob o título *Borges: a writer on the edge* pela editora inglesa Verso em 1993 e traduzido para o espanhol pela própria autora nesse mesmo

ano, com publicação pela editora argentina Ariel. Beatriz Sarlo, professora de literatura argentina da Universidade de Buenos Aires, é uma das mais importantes intelectuais da Argentina contemporânea e, também, uma das mais profícuas ensaístas de sua geração. Especialista em alguns dos grandes nomes da literatura de seu país, como Sarmiento, Cortázar e Borges, Sarlo preenche uma lacuna nos estudos sobre Borges com este seu livro de ensaios, no qual, entre outros temas que há muito careciam de mais reflexões, recupera a argentinidade de Borges como elemento importante para a construção do Borges supranacional, universal.

O livro de Sarlo não foge à regra de produção do bom ensaio: alia uma prosa fluida a um bom manejo do caudal de informações disponíveis sobre Borges e sua obra. Ordenado, o livro não se perde nas vagas de informação que apresenta e não permite que o leitor soçobre em suas páginas. Já desde a sua versão em língua inglesa, percebe-se o cuidado da autora com seus leitores, cuidado esse que, entre outras formas, assume a de notas de rodapé, com informações sobre edições consultadas, pequenos comentários que lançam

luz sobre pontos mais controversos do texto e até mesmo agradecimentos a revisores dos ensaios. Cuidados assim são sempre bem-vindos em qualquer texto, de todos os gêneros, mas são ainda mais dignos de apreciação quando se trata de ensaio, pois permitem que se expandam e se aprofundem as leituras de textos do gênero. A tradução brasileira manteve as notas do original, traduzindo-as para o português.

O texto chega ao Brasil pela tradução de Samuel Titan Jr., publicada pela editora paulista Iluminuras em 2008 e feita a partir da tradução para a língua espanhola.

A “nota de tradução” de Titan Jr., apresentada antes dos ensaios, funciona como roteiro da tradução. Nela, o tradutor explica as razões pelas quais optou pela não-tradução de alguns termos isolados. Esses termos seriam ou muito específicos da cultura argentina ou termos que, caso fossem traduzidos, perderiam muito de sua carga semântica. A decisão de traduzir ou manter vocábulos atinge e aflige a todos os tradutores, e mais ainda os que lidam com línguas tão próximas como o português e o espanhol, línguas que muitas vezes escondem sob o verniz da semelhança formal uma diferença

considerável de visões de mundo. Tomada a decisão, Titan Jr. põe mãos à obra e produz um texto de qualidade inquestionável.

Mas seu caminho nem sempre é retilíneo. Pelo menos no termo “gaúcho” usado na página 57 da edição brasileira, o tradutor viola sua própria regra. Excetuando-se as áreas de contato geográfico e cultural entre Brasil e Argentina, “gaúcho” não seria justamente um dos termos que mais dão fé da proximidade lexical e da distância cultural entre o português brasileiro e o espanhol da região do Prata? A opção contraditória de Titan Jr. de traduzir “gaucho” por “gaúcho” dá o que pensar. Reafirmo, porém, que esse detalhe não compromete em nada a excelência da tradução.

De fato, só a trago à luz para suscitar inquietações que ultrapassam os limites da tradução em exame e tocam questões de tradução em geral: até onde podemos estabelecer a transparência de termos? Não será uma medida subjetiva demais? Há como não utilizar critérios eminentemente subjetivos? Por que a transparência/opacidade de termos preocupou Samuel Titan Jr. a ponto de ele ter concentrado sua nota do tradutor nisso, em detri-

mento de outras informações que poderiam ser úteis para o leitor brasileiro? Se pensarmos que a nota/introdução é a sua única nota no livro inteiro, isso fica ainda mais desconcertante.

A ausência de notas do tradutor contrasta com a abundância de notas da autora na edição inglesa e de notas em espanhol da autora/tradutora que se somam às notas da versão inglesa. Talvez tenha sido pela presença maciça dessas notas que o tradutor brasileiro tenha abdicado de oferecer suas próprias notas a seus leitores, que só teriam a ganhar com elas. Situar a obra no seu novo contexto por meio de notas do tradutor, esclarecendo pontos que possam ser obscuros para o brasileiro, seria uma inclusão bem-vinda em uma próxima edição. Mesmo sua opção por não traduzir certos termos ganharia mais respaldo se ele tivesse esclarecido o sentido desses mesmos termos em notas. Seria uma contribuição nada desprezível para que os brasileiros entendam mais o universo hispano-americano.

Mais uma vez, trago um detalhe insignificante que só quem tem acesso aos textos em espanhol e em inglês vai perceber e que pode muito bem ignorar, por ser, afi-

nal, irrelevante. Porém, para uma análise mais detida de traduções, considero ser necessário certo apego a minúcias.

Uma intervenção que chama a atenção ocorre já no título que, em português, (ao contrário dos textos em inglês e em espanhol) ganha os prenomes do autor objeto de estudo. Temos, assim, *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. Por quê? Decisão do tradutor, da editora ou de ambos? Isso quer dizer que o autor é ainda pouco conhecido no Brasil e, por isso, deve aparecer já na capa com nome e sobrenome? A decisão declarada do tradutor para o título foi optar pela palavra “periferia” em substituição ao vocábulo “orillas” e suas traduções urbanas de praxe. Nada sobre ter-se acrescentado ao título os prenomes de Borges.

Apesar dessas ressalvas, cabe recomendar esta tradução um texto claro em que o tradutor congrega precisão vocabular e elegância de estilo. Titan Jr. encontrou a prosa certa para a fluência dos temas tratados nos ensaios. Sua tradução, que se lê com prazer, mostra, também, que é possível traduzir do espanhol sem impingir vocábulos obscuros e sintaxe tortuosa ao português. Samuel Titan

Jr., ao traduzir este *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*, contribuiu para a circulação, entre nós brasileiros, de mais uma

excelente obra nesse gênero que ainda nos é, de certa forma, elusivo.

Júlio César Neves Monteiro
Unioeste/UFSC
